

A perspectiva do oprimido na Alemanha Nazista: O triângulo rosa

DEISY CHRISTINE BOSCARATTO¹

RESUMO

Paulo Freire, educador brasileiro exilado durante a ditadura de 1964, foi o primeiro escritor do país a trazer como centro de análise conjuntural a condição do oprimido diante das múltiplas facetas da realidade de opressão. Freire tomou como base em seus escritos suas experiências antes e depois do exílio, bem como sua condição de educador-educando. O objetivo do presente artigo é o de explorar as dimensões de oprimido e opressor no contexto da Alemanha nazista para com os homossexuais. Marcados por um triângulo rosa nos campos de concentração, esta população viu-se na ilegalidade a partir do aprofundamento do parágrafo 175 do Código Penal alemão, cuja função era proibir o envolvimento amoroso entre dois homens. A justificativa do Estado alemão para encarcerar milhares de homens foi a de que, não podendo reproduzir a raça ariana, eles eram considerados inimigos do povo alemão. O texto esboça o panorama no qual os homossexuais viveram desde o início do século XX até o pós-guerra, levantando questões sobre a invisibilidade desta população diante dos acontecimentos do Holocausto. Invisibilidade esta que continua e se desenvolve ao longo das décadas até os dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE

Homossexual, nazismo, parágrafo 175, oprimido, invisibilidade.

ABSTRACT

Paulo Freire, Brazilian educator who was exiled during the dictatorship in 1964, was the first writer in the country to bring as center of conjectural analyzes the oppressed conditions in face of the multiples faces of the reality of oppression. Freire had as base in his texts his experiences, before and after the exile, as well

1. Bacharel em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2014). Bacharelanda em Ciência Sociais pela Universidade de São Paulo (2015). Educadora popular no Instituto Paulo Freire.

as his educator-student condition. The objective of this present article is exploring the dimensions of the oppressed in the context of nazi Germany with the homosexuals. Highlighted with a pink triangle in concentration fields, this population has seen themselves in the illegality from the deepening of Paragraph 175 in the German Penal Code which had the function of forbidding love relationships between two men. Justification of German State for incarcerate thousand of men was, not being able to reproduce the Aryan race, they were considered enemies of German population. The text lines out the panorama where homosexuals lived since the beginning of XX-th century until postwar, raising the question: is there a neutrality in the invisibility of this population in face of happenings of Holocaust? Invisibility that continues and develop as the decades go by, until now a days.

KEYWORDS

homosexual, Nazism, Paragraph 175, oppressed, invisibility

INTRODUÇÃO

Adolf Hitler, austríaco e veterano da Primeira Guerra Mundial, ascendeu ao poder na Alemanha pelo voto democrático popular, como chanceler do país. O partido nazista, apoiado pela classe média e industriais, obteve em 1933 mais de 6 milhões de votos. Votos que resumiam o desejo de prosperar economicamente através de um regime que facilitaria o comércio e a produção industrial. Para cooptar as demais classes do país, o partido adotou uma estratégia baseada em cinco pontos principais: a ciência, a história, o sentimento de nacionalidade, a modernidade e o ideal da beleza.

Na ciência, Darwin, muito tempo antes da instalação do nazismo, afirmou que há a ideia de que, entre os animais, o mais forte se impõe sobre o mais fraco. Na história alemã do início do século XX, esta lógica foi projetada em torno dos judeus. Começou, a partir daí, o antissemitismo europeu que encontraria suas raízes principais no livro de Hitler, *Mein Kampf*. Segundo a publicação, os judeus seriam uma ameaça aos alemães porque têm o objetivo de dominar a humanidade com conceitos semitas. O sentimento de nacionalidade no qual Hitler encontrou apoio foi consequência da Primeira Guerra Mundial, que havia deixado a Alemanha arruinada nos âmbitos financeiro e econômico. O apoio dos industriais ao regime fez da modernidade uma forte aliada. Por fim, o ideal de beleza foi determinado tendo como ponto de partida os quatro pontos citados – baseando-se no ideário de dominação das nações como forma de superar o ocorrido pós-Primeira Guerra, definiu-se uma raça para realizar tal tarefa: a ariana (pessoas brancas, de olhos azuis, loiras e heterossexuais), a raça pura.

Todos esses elementos usados e manipulados pelos nazistas semearam-se pela Alemanha e fizeram com que o partido hitlerista tivesse apoio da maioria da população, alcançando assim a maior parte das cadeiras do Parlamento Alemão. Contudo, apoio popular não foi a única conquista do Führer, criou-se também um ambiente extremamente preconceituoso e violento.

É a partir da violência criada por um ambiente autoritário (e, ao mesmo tempo, sedutor para aqueles que estavam de acordo com as normas dessa sedução) que sofreram judeus, negros, presos políticos, ciganos e o foco deste artigo - os homossexuais. Para conter todas essas populações não arianas criaram-se os campos de concentração. As populações separadas sofreram todos os tipos de violências, entretanto a invisibilidade de alguns grupos (em comparação com a grande divulgação de outros) prejudicou a análise histórica popular. Os “triângulos rosa”, ou homossexuais presos durante o Holocausto até poucas décadas atrás tinham sua história neste período muito pouco contada. A invisibilidade histórica e a própria invisibilidade atual com a qual foram e são tratados tornou-os objeto de estudo deste presente artigo, com enfoque na recuperação histórica do tratamento que lhes era reservado e o intuito de gerar uma reflexão sobre a atualidade. Por que a opressão de alguns grupos tem mais enfoque do que de outros? A serviço de que e de quem estão estas análises parciais da história?

Assim, recuperando os acontecimentos, durante o Holocausto o tratamento para com os homossexuais era violento. Além disso, havia todo um misticismo cultivado pelo nazismo em torno desse grupo, o que era refletido de forma violenta pela população alemã e espalhava-se como um vírus. A ideia da raça pura, do ser humano perfeito, mostrava-se na contramão da possibilidade de aceitação de uma família composta por homossexuais, já que nesta relação não poderia haver a inseminação natural e, conseqüentemente, a perpetuação da raça ariana estaria ameaçada. Considerados biologicamente incapacitados para ajudar a nação a manter-se, fortificar-se e impor-se perante o resto do mundo, eles foram classificados como “inimigos do Estado”, uma praga que deveria ser combatida.

Segundo o texto *“Proposal for a Cy Pres Allocation for Homosexual Victims of the Nazis”*, do grupo *Pink Triangle Coalition* (símbolo pelo qual os homossexuais eram identificados nos campos de concentração durante o período nazista), o objetivo do nazismo era abolir o “homossexualismo” da Alemanha colocando-os à margem da sociedade, privando-os de seus direitos. Eles citam em seu relatório algumas medidas do Estado alemão:

“A supressão de todos os direitos homossexuais pela Alemanha; O fechamento do Instituto de Ciência Sexual em Berlim e total destruição de suas bibliotecas e arquivos; A proibição e o fechamento de todos os estabelecimentos homossexuais virtuais; A deportação para campos de concentração dos homossexuais conhecidos como tais [Pierre Seel é um dos exemplos que conseguiu sobreviver à época, porém estima-se a morte de 3000 a 9000 homossexuais homens mortos no nazismo]; Todo ato sexual consciente, abraçar, e até mesmo olhar para outro homem tornou-se ilegal. Homossexuais começaram a ser sentenciados a dez anos de servidão penal e trinta anos de prisão(...)”. (COALITION, 2001. p.10).

Essas políticas eram não só legais, como bastante eficazes na Alemanha. Os atos cometidos contra os homossexuais no país hitlerista apagaram a memória e a história de toda a comunidade, deixando os homens da época, e mesmo a geração posterior a eles, sem um sentimento de pertencimento. Até então, todos os serviços sociais (associações esportivas e clubes, por exemplo), como restaurantes, livrarias, organizações sociais, como esportes e clubes estavam em plena fase de ascensão. Todos esses negócios fizeram com que os homossexuais pudessem socializar com o ambiente de forma não prejudicial e criaram estruturas sociais que os abrigavam². Depois da entrada de Adolf Hitler no poder essa comunidade desmoronou, sendo considerada ilegal. À luz de Durkheim, indivíduo e sociedade formam um composto orgânico que se retroalimenta. Um indivíduo sem sociedade é uma das causas do suicídio, segundo o sociólogo. Um indivíduo sem sociedade passa a experienciar a individualidade em sua forma mais bruta, perdendo assim o ponto de referência com a definição do seu próprio ser, definido socialmente.

2. COALITION, P.T. Cy Pres Allocation. p 16

Ao apagar as memórias da recém-formada comunidade homossexual alemã, o Estado desconecta o grupo de sua realidade e os obriga a viver na realidade nazista, machista e homofóbica. Considerados qualquer coisa menor do que um ser humano, o único ambiente social que os homossexuais podiam esperar era os campos de concentração. Neste ponto, vale ressaltar que a história se repete com essa população: os homossexuais veem sua memória destruída durante a Revolta de Stonewall, nos Estados Unidos; durante a descoberta da Aids no mesmo país; em Cuba; durante a Revolução Cubana, entre outros³.

Sabe-se que mais de trezentos mil homossexuais foram levados para campos de concentração⁴ espalhados por toda a Europa, porém pouco tem sido documentado sobre a situação desse grupo durante o totalitarismo nazista. O presente artigo coloca-se como base para uma reflexão que transcende suas páginas, sobre a invisibilidade desta população diante dos acontecimentos do Holocausto.

1. OPRESSORES E OPRIMIDOS: OS HOMOSSEXUAIS NA SOCIEDADE ALEMÃ DO SÉCULO XX

“Um dos elementos básicos na mediação opressores-oprimidos é a prescrição. Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra, daí o sentido alienador das prescrições que transformam a consciência recebedora no que vimos chamando de consciência “hospedeira” da consciência opressora”⁵. Em seu livro *Pedagogia do Oprimido* Paulo Freire busca a concepção de opressores e oprimidos na experiência de sua vida em meio à sociedade capitalista e à luz de leituras marxistas como o próprio Karl Marx e Antonio Gramsci. Neste artigo, opressores e oprimidos são termos utilizados para designar a posição diante da sociedade nazista que, por excelência, também é capitalista. Entretanto, a sociedade alemã do século XX traz elementos opressores diferentes da sociedade capitalista liberal contemporânea.

A Alemanha era um país considerado liberal antes da implementação do nazismo. Em 1920, cerca de 25 organizações políticas, culturais e sociais estavam abertas no país⁶. A organização mais bem-sucedida era a Liga dos Direitos Humanos (*Bund für Menschenrechte*), que contava com aproximadamente 48 mil membros.

Embora o esforço fosse para que homossexuais e heterossexuais vivessem em uma situação horizontal em relação à igualdade de direitos e reconhecimento societário, a Alemanha nunca abraçou por inteiro os movimentos sociais. Com a turbulência política da República de Weimar, precursores do partido nazista e,

3. “Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”. (MARX, K. O 18 de Brumário de Luis Bonaparte. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/18brumario.htm>> Acesso em 14/09/2015.

4. Informação retirada do Projeto de Lei Nº745, de 2002 do Estado de São Paulo. Documento presente no link <www.al.sp.gov.br/spl/2002/12/.../364135_01_0745_2002_0364135.doc> Acesso em 19 jun. 2014.

5. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, p.22, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

6. STEAKLEY, *The Homosexual Emancipation Movement*, pp. 78-81; SCHOPPMANN, *Days of Masquerade*, p. 4,57ff.

consequentemente, anti-homossexuais, começam a despontar no final da década de 20. Em 1926, por exemplo, a imprensa homossexual foi posta na ilegalidade, por meio de uma lei chamada “Proteção aos Jovens de Publicações Obscenas”. O partido nazista tinha uma linha de raciocínio bem clara acerca do assunto. Em 1928, antes de assumir o poder, ao ser indagado sobre a homossexualidade, o partido respondeu:

A Nação Alemã apenas pode entrar em combate se houver masculinidade... Qualquer um que sequer pense em amor homossexual é nosso inimigo. Nós rejeitamos qualquer coisa que afemine nosso povo e os faça de brinquedo para nossos inimigos. Nós, portanto, rejeitamos qualquer forma de sexualidade antinatural, sobretudo homossexualidade, porque nos tira nossa última chance de libertar nosso povo das correntes da escravidão sob as quais sofremos⁷. (COALITION, 2001, p 14).

Com a ascensão do nazismo em 1933, e o movimento crescente da direita radical no país, a vida para a comunidade LGBTT da época começou a ficar cada vez mais restrita. Apesar de haver propagandas incessantes que estimulavam a reprodução ariana para os heterossexuais, em 1933 foram dadas ordens para que todos os lugares de convivência social homossexual fossem fechados, além da proibição da venda de todos os periódicos homossexuais pelo país. A proibição da imprensa homossexual foi o marco, o começo da decadência do movimento social desta parcela da população. As depredações de prédios que representavam a liberação sexual foram constantes até que, em 1934, com Hitler oficialmente no poder, teve início um processo de demarcação dos homossexuais em potencial. Oficiais do Estado Hitlerista andavam pelas ruas e adicionavam “suspeitos” de “homossexualismo” a uma lista de segurança. A ordem era que todos os nomes de suspeitos fossem enviados à Berlim para a composição da chamada “*Pink List*”. Entretanto, a homossexualidade proibida contemplava apenas as relações entre homens. As lésbicas, diante do governo nazista, tinham valor devido aos seus úteros. Mulheres, de uma maneira geral, sem discriminação de orientação sexual, eram enxergadas como templos de reprodução da raça forte, dominante e pura, a raça ariana.

Listados, deslocados, humilhados, os homossexuais foram considerados seres ilegais a partir de 1935. Com o aprofundamento do parágrafo 175 do código criminal alemão, passou a ser considerado crime qualquer interação entre homens com intenção sexual, até mesmo uma troca de olhares. A expressão “luxúria contra o que é natural” é substituída somente por “luxúria”. Com um campo de aplicação infinitamente mais extenso, o parágrafo reformulado coloca a homossexualidade no campo do “não natural”, da anomalia.

A maioria dos documentos referentes ao governo hitlerista foi queimada. Em 1945, ano em que não se encontram registros da perseguição homossexual feita pela Alemanha, estima-se que cerca de cem mil homossexuais foram presos com

7. COALITION TRIANGLE, P. 2001, p. 14.

base no parágrafo 175. Ainda de acordo com registros do governo nazista (*“Survey by the Reich Statistical Bureau of Sentences for Unnatural Sex Acts in Violation of 175, 175a, 175b”*), entre os anos de 1933 e 1944 foram feitas cinquenta mil acusações alegando a infração do parágrafo 175. Veja a seguir a relação de acusações por ano:

ANO	ACUSAÇÃO
1933	853
1934	948
1935	2.106
1936	5.320
1937	8.271
1938	8.562
1939	7.614
1940	3.773
1941	3.739
1942	2.678
1943	2.218
194	2.000
TOTAL	48.082^a

Agora homossexuais não estavam apenas listados, deslocados, humilhados, como também presos. A Alemanha porta-se de maneira expiatória face à criminalidade sob a qual coloca a população homossexual. População esta perfeitamente sadia, porém considerada pelo governo nazista como antinatural, e portanto patológica. No começo do século XIX, tornou-se uma prática comum enclausurar “loucos” em hospícios. Também presos por motivos patológicos, esses “loucos” eram trancados em suas loucuras e a eles eram oferecidos remédios. Havia um poder na manipulação das drogas dadas, havia quem as manipulasse, ou seja, as pessoas mentalmente sadias. No entanto, não é desta forma que o nazismo do século XX trata homossexuais. Foucault, em *“Os Anormais”*, levanta o ponto da criminalidade patológica como passível de ser tratada via dois eixos: o primeiro terapêutico e o outro expiatório. Esses dois pontos não são excludentes. Na verdade, ambos estão presentes em uma linha contínua de instituições. Considerando que essas instituições, na Alemanha nazista, correspondem aos campos de concentração, estes [campos] respondem em que à criminalidade patológica? Se a vontade dos policiais da Gestapo fosse “curar” os homossexuais (e, neste contexto a homossexualidade deveria ter sido considerada patologia), haveria instituições com intuito terapêutico. Caso o objetivo fosse prender os indivíduos por infração do código criminal pura e simplesmente, eles seriam enviados ao sistema carcerário. Todavia,

8. COALITION TRIANGLE, Pink: Proposal for a Cy Pres Allocation for homosexual Victims of Nazis. August 2, 2001, p 13

o surgimento dos campos de concentração para homossexuais não tratava nem a criminalidade nem a “patologia” dos indivíduos. Então a que eles respondiam? Foucault acredita que essas instituições essencialmente *mixité*⁹ respondem a uma só característica: ao perigo.

O indivíduo perigoso não é nem exatamente doente, nem criminoso. Os homossexuais eram a forma brutal, espontânea da contranatureza do nazismo: já que não eram férteis e não podiam procriar a raça ariana, eles eram incapazes de contribuir geneticamente para a reconstrução da Alemanha. Assim, viraram uma espécie de erva daninha que precisava ser isolada da sociedade e incluída no campo de vigilância dos que estavam no topo da hierarquia estatal, para que a anormalidade não se espalhasse. A sociedade alemã precisava saber que não era normal ser homossexual e quem fosse apanhado praticando atos de homossexualidade era considerado um inimigo direto do regime.

2. OS HOMOSSEXUAIS E OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Como já citado neste texto, o nazismo, em sua essência, é uma das formas mais violentas, preconceituosas e autoritárias que o capitalismo moderno já alcançou. A necessidade da sociedade alemã de apontar seres perigosos à manutenção do sistema reflete, além de seu autoritarismo, a fragilidade das engrenagens que mantiveram a estrutura nazista funcionando. Neste movimento de separação entre puros, reprodutores, lutadores, inimigos, anormais e anormais/inimigos, a capacidade de gerar uma reserva de mão de obra foi reduzida de forma considerável. A saída para uma produção em massa, capaz de sustentar as demandas do mercado e, principalmente, as demandas bélicas da época, foi encontrada na construção de campos de concentração.

Enquanto permaneciam presos, identificados pelo triângulo rosa em seus peitos, os homossexuais eram obrigados a trabalhar nas minas e pedreiras, além de servir para a evolução da medicina na Alemanha nazista sendo usados como cobaias humanas de novos experimentos. Quando havia a chegada de mais mão de obra para os campos, eram enviados para as câmaras de gás. Estima-se que 60% dos que foram enviados aos campos morreram. Os campos de concentração que mais receberam os então ditos “triângulos rosa” foram: Sachsenhausen, Buchenwald e Dachau. Em 1941, em Buchenwald, um dos maiores campos de concentração estabelecidos no país, um grupo de médicos iniciou um programa de experimentação nos prisioneiros. Entre os testes havia o tratamento de hormônios e castração para a cura da homossexualidade, comandado pelo Dr. Carl Vaernet. O médico desenvolveu uma glândula sexual masculina artificial que era colocada embaixo da pele e liberava altos níveis de testosterona. Depois de testado em homossexuais prisioneiros, a glândula passou a ser utilizada nos próprios oficiais nazistas, que clamavam o sucesso do experimento com medo de serem expulsos do exército e presos nos campos de concentração. Buchenwald foi apelidado de “câmara de

9. *Mixité* é a qualidade do que é misto, em particular do que reúne elementos, pessoas, de origem (cultural, étnica, etc) diversa.

horrores” pelos experimentos mais cruéis com os presos que ali estavam. A prática da castração aos homossexuais espalhou-se para outros campos.

A experiência dos campos de concentração e, por consequência, a relação entre os soldados da Gestapo e os prisioneiros, bem como a relação entre os próprios prisioneiros, autoriza o uso da categoria de oprimido do educador brasileiro Paulo Freire no contexto de condições sub-humanas de existência dados por um Estado que passa a desconsiderar esta parte da população como legal e, portanto, portadora de direitos. Apesar disso, várias eram as experiências desenvolvidas dentro dos campos de concentração que destacavam a humanidade restante nos prisioneiros. Um exemplo é o fato de ser comum que os prisioneiros tivessem relações sexuais nos campos de concentração.

Alguns me consideravam uma mulher no campo de concentração” diz Rudolf Brazda, homossexual assumido e sobrevivente dos campos de concentração, que faleceu em 2011. Brazda diz ainda: No mesmo ano, ao ser questionado sobre o preconceito dentro do campo, ele responde: “Honestamente, eu não sentia preconceito dos outros prisioneiros em relação a mim por causa do meu triângulo rosa. Também porque eu era um pouco efeminado e alguns dos homens “normais” – leia-se: heterossexuais – não se importariam em ter relações sexuais comigo. Alguns deles me consideravam uma mulher! Sim, o campo era um lugar onde homens heterossexuais faziam sexo com outros homens, na ausência de mulheres... Claro que alguns tinham preconceito ou simplesmente ficaram com inveja da minha amizade com alguns comunistas. Eles deviam me ridicularizar. Eu tentei evitar os guardas da SS (polícia nazista) porque eles podiam ser muito brutais com os homossexuais. Mesmo se você não fizesse nada de errado, era exposto aos seus caprichos e, se eles se sentissem satisfeitos em te humilhar, não havia nada que você pudesse fazer para impedir. Por isso evitei me deparar com eles o quanto pude¹⁰.

Sobre estas relações, Freire coloca o “direito de ter mais” como um direito intocável. Sendo um direito inalienável, intocável ao ponto de tornar-se sagrado, os soldados da Gestapo colocavam-se como superiores, opressores, detentores do poder. Podiam, desta forma, ser opressores mesmo descumprindo o parágrafo 175, já que o interlocutor de suas ações eram seres não humanos, anormais, inimigos do Estado Alemão Nazista. Sobre a dominação de um para com outro diante um cenário catastrófico, Paulo Freire relata:

Não poderia deixar de ser assim. Se a humanização dos oprimidos é subversão, sua liberdade também o é. Daí a necessidade de seu constante controle. E, quanto mais controlam os oprimidos, mais os transformam em “coisa”, em algo que é como se fosse inanimado. Esta tendência dos

10. Entrevista de Rudolf Brazda dada à Revista Época em junho de 2011 <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,E-MI238694-15220,00.html>> Acesso em 20 jul. 2014.

opressores de inanimar tudo e todos, que se encontra em sua ânsia de posse, se identifica, indiscutivelmente, com a tendência sadista¹¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1945, com o final da Segunda Guerra Mundial, os aliados começaram um processo de varredura do nazismo da Europa. Milhares de prisioneiros foram liberados dos campos de concentração e várias leis foram anuladas. Neste movimento de “libertação” da Europa do regime hitlerista, guardas da SS queimaram a maioria dos documentos que possibilitavam o acesso a dados mais concretos e objetivos.

Dado o cenário da Guerra Fria que prosseguiu durante os anos posteriores, os homossexuais receberam seu primeiro reconhecimento pelos danos causados nos campos de concentração apenas em 8 de maio de 1985, através de um discurso do presidente alemão Richard Von Weizsacker:

Hoje nós lamentamos por todos os mortos pela guerra e pela tirania. Em particular, nós celebramos pelos 6 milhões de judeus mortos na Alemanha nos campos de concentração. Nós celebramos todas as nações que sofreram durante a guerra, especialmente os incontáveis cidadãos da União Soviética e Polônia que perderam suas vidas. Como alemães, nós lamentamos nossos compatriotas que pereceram como soldados, durante os ataques aéreos. Nós celebramos os Sinti e Ciganos, os homossexuais e os doentes mentais que foram mortos, assim como as pessoas que morreram lutando por suas crenças religiosas e políticas¹².

A partir do reconhecimento oficial do Presidente, vários memoriais homossexuais começaram a surgir pela Europa. Em 1990, quatro anos depois da reunificação da Alemanha, o país aboliu o Parágrafo 175 do Código Penal e, em maio de 2002, o Parlamento anistiou os homossexuais condenados pelo nazismo.

A chacina contra homossexuais na Alemanha nazista permanece envolta em uma nuvem de questões: Por que os homossexuais não foram excluídos permanentemente da sociedade? Por que a visibilidade da opressão judaica ganhou mais força no pós-Holocausto em comparação aos demais grupos? Por que lésbicas foram consideradas reprodutoras e postas à margem do parágrafo 175?

A categoria opressor-oprimido no regime totalitário alemão elevou-se ao extremo e, manteve-se para além da exploração da mão de obra, para além da patologia, para além da expiação, circundada por dimensões não só políticas, mas também de cunho socioeconômicas. Características sociais que perduram até hoje na invisibilidade da lésbica e de sua sexualidade; na invisibilidade da população trans e na invisibilidade das mortes por homofobia, entre tantos outros elementos. Por outro lado, o comércio para a população LGBT, chamado *pink market*, é atualizado e extremamente competido. Mais uma vez, a serviço de quem e para quê a invisibilidade desta população corrobora?

11. Idem p.30.

12. Weizsacker on German Remembrance, disponível em: <<http://www.hariguchi.org/yoichi/weizsaecker.html>> 2 of 14> Acesso em 14 out. 2009.

REFERÊNCIAS

COALITION TRIANGLE, P. *Proposal for a Cy Pres Allocation for homosexual Victims of Nazis*. August 2, 2001.

FOUCAULT, M. *Os Anormais*. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2013.

Durkheim, E. *O suicídio: estudo de sociologia*. (trad. STAHEL, M.) São Paulo: Martins Fontes [1897], 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

LOPES, L. Entrevista com Rudolf Brazda. In *Revista Época* (6 jun. 2011). Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI238694-15220,00.html>> Acesso em 20 jun. 2014.

MENEZES, A. B. *Análise da investigação dos determinantes do comportamento homossexual humano*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará. Belém, 2005. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/ppgtpc/dmdocuments/MESTRADO/ALINE.pdf>> Acesso em 20 jun. 2014.

USHUMM. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/>> Acesso em 16 jun. 2014.

WEIZSACKER, R. *Discurso comemorativo dos 40 anos do fim da Guerra e da tirania nacional-socialista*. (8 mai. 1985). Disponível em: <<http://deferred-live.net/muse/ariUploads/pdfs/speechRichardvonWeizsacker.pdf>> Acesso em 23 jun. 2014.